

Um novo caminhar em tempos de transformações.

***Maria Alice de Castro Rocha**

Se indagados sobre qual o lugar do professor na era do conhecimento, todos dirão, acredito, de pronto, que é um posto de destaque. Hoje, no meio culto, difunde-se o conceito de que o professor deve se posicionar como um mediador que ajude o aluno a “construir seu conhecimento” e a formar habilidades e competências, deixando de lado o posto do profissional que, apenas, repassa informações prontas.

Acredita-se que a educação deve ser continuada; e as empresas no mundo todo criam universidades corporativas. Ninguém pode parar de estudar; e os cursos de pós-graduação se multiplicam. Estamos, como nos diz Edgar Morin, na era da mundialização – que vai além da era planetária, iniciada com as grandes navegações. O mundo ficou menor e isto exige de todos – sobretudo do professor em cada recanto do mundo – um esforço muito maior.

As TCI's (tecnologias da comunicação e da informação), ao gerarem a mundialização, nos colocaram na era do conhecimento, onde todos precisam saber lidar com informações diversas, selecionando-as, organizando-as, sintetizando-as e, sobretudo, utilizando-as. Deve-se, também, saber competir e superar o outro, seja ele o vizinho do lado ou um habitante do outro lado do planeta.

Neste contexto, o professor deve ser um novo profissional que não apenas domine a nova tecnologia, mas integre o novo aluno, que se apresenta a ele já imerso no mundo do conhecimento em rede – nos grandes centros, praticamente todos têm acesso cedo às novas tecnologias, em casa ou nas lan-houses.

Além disso, o mestre deve ser dinâmico e motivador para saber lidar com estudantes que vivem banhados por imagens e interagindo de maneira multimídia. O filósofo italiano, Giovanni Sartori, nos dirá que o mundo atual cria pessoas mais passivas e, portanto, menos críticas. Diante disto, o educador, essa figura que, cada vez mais, toma uma importância incomensurável, não apenas precisa competir com imagens, como tem que ser capaz de tirar os estudantes da zona de conforto em que se encontram, e introduzi-los na era do pensar, do refletir e do escolher.

Os pais esperam que os professores também sejam sábios para ensinar e preparar os filhos, auxiliando-os a desenvolver bons profissionais, num mundo regido pelo intangível – isto é os produtos recebem valores agragados pela propaganda e pelo marketing. Segundo o filósofo brasileiro, Ladislau Dowbor, o intangível compreende 75% do todo de cada produto. E o mestre não seria o responsável pela preparação daqueles que vão produzir e consumir intangíveis?

Até este momento falamos, implicitamente, do educador como o homem de René Descartes, em que alma e mente estão divididos. Falamos do racional, mas o professor também é responsável pela formação do ser que experimenta emoções, sentimentos – e deve saber expressá-los; daquele que deve aprender o que é Ética e, sobretudo, ser ético e saber conviver consigo e com o outro. Neste mundo da dualidade cartesiana, o educador, principalmente o do ensino básico, é tratado como um fracassado – que não dá conta de tudo o que exigem dele em termos de competências para lidar com o novo ser da mundialização e, por outro lado, não consegue educar adequadamente os filhos de pais que, afinal, precisam fazer coisas mais importantes do que educar crianças e jovens (se é que existe algo mais importante do que educar as novas gerações).

Vemos um ser que, nos tempos da mundialização, recebeu generosamente da sociedade a função de super-homem, mas frustra a todos por não ter super-poderes. Esqueceram-se de vê-lo como um profissional e como uma pessoa que precisa de identidade, de reconhecimento e que, infelizmente, não é mágico. Alguém que precisa lidar com o virtual, mas que não tem poderes virtuais. Não pode substituir a sociedade e muito menos a família. Dele se espera tudo, nada se dá nada em troca. E, para que faça parte do que se espera dele precisa ter habilidades, competências, mas, em especial, respeito! E isto só pode se configurar nas entrelinhas de uma sociedade que busque um novo caminhar num tempo de transformações.

***Maria Alice de Castro Rocha é doutora em Psicologia pela USP; mestre em Educação pela PUC-SP; professora de pós-graduação de Psicopedagogia; professora e coordenadora do Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Rio Branco.**